

VINHO NOVO. ODRES VELHOS?  
UMA IGREJA PARA OS  
NOVOS TEMPOS  
II Congresso de Teologia  
— São Paulo — 2001

\*Professores do ITESP.

*Antônio Sagrado Bogaz  
Márcio Couto\**

**Resumo:**

*Os aa. apresentam o II congresso de Teologia de São Paulo em 2001. Depois de apresentarem a importância e atualidade do mesmo, descrevem a realização do mesmo, os participantes e a temática em pauta: eclesiologia para um novo tempo. Uma pequena síntese das conferências é apresentada. Os aa. apresentam também os momentos celebrativos que acompanhavam o Congresso e envolviam os participantes bem como as oficinas com os participantes de diversos ambientes pastorais. As pesquisas de vários estudantes, no campo religioso, foram apresentadas como uma contribuição ao Congresso. Finalmente, são apresentadas palavras de apreço ao congresso de teologia.*

**Chaves:**

*Congresso de teologia; Eclesiologia: congresso.*

SINOPSE

O II Congresso de Teologia de São Paulo — *Vinho novo. Odres Velhos?* — reuniu os vários institutos de Teologia e Ciências da Religião e aprofundou um tema eclesiológico e buscou

respostas para os novos desafios da sociedade contemporânea, entre eles a exclusão social, a inter-culturalidade, a questão de gênero e os novos modelos de diálogo religioso. Estes temas foram abordados na perspectiva eclesial, procurando elaborar formas sempre renovadas de ser Igreja viva e encarnada na realidade e na história de nossos tempos.

Como vivemos numa realidade de transformações rápidas, também as reflexões religiosas e teológicas são convocadas para traçarem rumos mais corajosos e proféticos e, sobretudo, para lançarem suas redes em águas novas e mais profundas, para que a mensagem sempre atual do Evangelho — vinho novo — seja amparada por novos modelos eclesiais propícios. Se o vinho é novo, que sejam novos os odres. A inspiração é bíblica e a motivação é inerente ao compromisso eclesial com a história humana. O vinho novo inspira a conversão dos odres e dos novos vinhateiros de Deus.

As celebrações criativas, dinâmicas e fecundas uniam a reflexão e a espiritualidade nos momentos fortes do Congresso. As reflexões de estudiosa/os e aluna/os nos provocavam a pesquisar novos rumos para as *redes* da teologia. Marcadamente singular foi a apresentação das ações pastorais de fronteira, que expuseram o rosto vivo da comunidade eclesial, para a qual teólogo/as e estudantes são convocados a refletir: rostos afro-ameríndios, mulheres e homens em unidade, migrantes e imigrantes, maltratados e excluídos do sistema social.

O II Congresso procurou testemunhar que, para além de nossas formas tradicionais de ser Igreja e celebrar os sacramentos, existem diversificadas posturas eclesiais, ministeriais e celebrativas, que os pesquisadores das ciências da religião e da teologia são interpelados a conhecer, vivenciar e fundamentar, de forma dinâmica e dialética, pois fé e vida são membros de um mesmo corpo místico: o Reino de Deus.

## POR QUE UM CONGRESSO DE TEOLOGIA?

Estudantes e professores de teologia e ciências da religião do estado de São Paulo decidiram refletir temas relacionados à questão teológica, a partir da realidade contemporânea, em suas dimensões eclesial, social, ecumênica e cultural.

Num mundo de rápidas transformações, no qual novas questões surgem ininterruptamente, exigindo respostas sempre inovadoras, as ciências teológicas são interpeladas a aprofundarem amplamente as questões referentes à prática religiosa e libertadora da sua fé, propondo caminhos mais corajosos

para orientar a comunidade humana e participar de suas opções e atividades, em favor do Reino de Deus.

O II Congresso de Teologia foi um momento especial que abriu *clareiras* nas selvas urbanas, através de reflexões bíblicas e teológicas e sobretudo mostrando experiências eclesiais de vários grupos de pastoral que valorizaram a tradição e privilegiaram a profecia.

## O II CONGRESSO DE TEOLOGIA DE SÃO PAULO

No ano de 1988, um grupo de alunos e professores de teologia começaram a discutir a possibilidade de unir todos os institutos de teologia e ciências da religião, para aprofundar temas comuns, na área da reflexão teológica, buscando responder desafios da realidade contemporânea da nossa sociedade e, particularmente, da realidade brasileira.

Foi assim que, após um ano de preparação, realizou-se, com mais de 1000 participantes, o I Congresso de Teologia de São Paulo.

O tema privilegiado foi: DEUS ONDE ESTÁS — A busca de Deus numa sociedade fragmentada.

A reflexão fundamental mostrou que para fazer teologia não basta apenas acreditar em Deus. Isto é o papel de quem crê ou o professa. Para fazer teologia é necessário perguntar: Deus, onde estás? É na resposta a esta pergunta que nasce a reflexão teológica e, por conseguinte, a própria Teologia. Numa sociedade fragmentada não é difícil encontrarmos um Deus fragmentado em várias convicções ou crenças.

Neste segundo II Congresso, realizado bienalmente, tocou o tema da vida eclesial, seus limites e utopias no limiar do terceiro milênio.

A própria Igreja, motivada pelo Papa João Paulo II, se propõe a navegar em águas mais profundas — *Duc in altum* — arriscando-se mais gravemente, para se comprometer mais seriamente com a história humana.

O Tema do Congresso foi *Vinho Novo. Odres Velhos?* — Uma Igreja para os novos tempos. A inspiração é a imagem bíblica do *vinho* que se renova continuamente, mas que se deposita em odres envelhecidos. O próprio Jesus Cristo nos sugere que os odres sejam renovados, muitas vezes purificados e outras vezes destruídos, para recolher a mensagem evangélica, sempre nova, capaz de trazer novo sabor às realidades humanas.

Vinho novo é a boa-nova, que inspira a conversão e a transformação. Seus odres são as velhas estruturas, sistemas e métodos que urgem renovação, digna deste vinho novo.

## UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

O II Congresso de Teologia de São Paulo, aconteceu nos dias 24 a 26 de setembro de 2001, com o grande apoio do Instituto São Camilo, na pessoa do Pe. Leocir Pessini. O grande auditório foi o das conferências e de encontro dos participantes dos vários institutos.

Após a preparação de um ano de encontros, contatos e organização da programação, alunos e professores dos vários institutos de São Paulo (Centro Universitário Assunção, Escola Dominicana de Teologia — EDT, Faculdades Claretianas (UNICLAR), Instituto de Teologia da Diocese de Santo André, Instituto Paulo VI (Mogi das Cruzes), Instituto Teológico Pio XI, Instituto Teológico São Paulo (ITESP), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), SOTER, Sociedade de Teologia e Ciências da Religião — realizaram o congresso. Uma participação massiça de estudantes, sacerdotes, leigos e vários grupos de estudos dedicaram estes dias para aprofundar as possibilidades de viver uma nova forma de igreja, a partir da mensagem fundamental da boa Nova de Jesus Cristo, o vinho sempre novo.

As perspectivas abordadas foram as questões emergentes dentro de nossa realidade eclesial contemporânea, como as questões de gênero, a dialética da instituição e de carisma, as realidades sócio-políticas e a dimensão ecumênica e macro-ecumênica.

O apoio das editoras católicas — Paulus, Paulinas, Vozes, Ave Maria, Loyola e Santuário — na organização do material e na sua preparação, foi fundamentais.

Merecem grande destaque e aplausos, a atuação das equipes preparatórias, que atuaram em serviços anteriores e dentro do Congresso. Destacamos a participação ativa de alunas/os e professores/as, que com esmero e criatividade gestaram este grande evento da vida da Igreja. As equipes de Secretaria, Animação, Finanças, Liturgia, Ornamentação, Recepção, Relações Públicas e Secretarias, lideradas pelos estudantes e professores — Frei Márcio Couto, Célio, José Roberto, Anderson, Pe. José Bizon, Flávio, Antonio, Luciano, Marcel e Maria Alves, Sandra e Regina, Profa. Ceci, Pe. Fernando, Marcus e Vinicius, Pe. A. Bogaz, Adriano, Luis e Alex — sustentaram o processo de organização do Congresso, sua relação e motivação com os institutos e a cidade e dedicaram suas energias e capacidades para a realização de todas as suas etapas, de forma progressiva e satisfatória.

Os assuntos aprofundados partiram de conferências e exposições, apresentadas por estudiosos do tema, convidados para

contribuir para o Congresso. Algumas participações podem ser citadas, para sentirmos o conteúdo fundamental que provocaram as discussões que se seguiram, entre os participantes.

Frei Betto, conhecido teólogo dominicano, com o tema *As trilhas latino-americanas da Igreja*, começou evocando o contexto traumático da destruição das Torres de Nova York, para situar sua reflexão, procurando mostrar que toda práxis é fundamental para a elaboração teológica. Por isso, buscar trilhas na América Latina, significa também trazer à tona, a história recente da caminhada dos povos latino-americanos, em busca de sua libertação. A América Latina emerge no cenário mundial com uma contribuição específica para a Igreja universal, na medida em que suas experiências mais significativas são acolhidas favoravelmente, como as comunidades eclesiais de base (CEBs), a teologia feminista, a teologia negra, a teologia indígena, entre outras.

Maria Clara Bingemer, falando sobre *Os caminhos do Espírito*, apresentou um amplo panorama da vida espiritual da atualidade, para situar a espiritualidade cristã. A encarnação do divino na história é o elemento chave para a compreensão da realidade espiritual dentro do contexto humano. Tudo que é humano, participa da esfera do divino. Aqui, compreendemos uma rica percepção e possibilidades de viver a própria experiência religiosa, buscando sua autenticidade e sua importância nas relações humanas e cósmicas.

O Bispo de Jales (SP), Dom Demétrio Valentini, falando da *Dialética do Carisma e da Instituição*, abordou a tensão entre as resistências oferecidas pela realidade institucional e os avanços na compreensão da mensagem cristã. Foram analisadas três situações vividas pela Igreja primitiva, que serviram de paradigma com nossas realidades atuais, quer sejam o confronto do Evangelho com a escravidão — o caso de Onésimo —, a abertura aos pagãos e o problema da circuncisão e a situação da mulher na comunidade primitiva. Destas situações, procurou mostrar pistas de convivência construtiva entre a necessidade institucional e a presença carismática de seus fiéis. Concluiu afirmando que a pastoral, a Igreja e a instituição precisam do suporte da reflexão teológica para consolidar os seus avanços e, por sua vez, a reflexão teológica precisa delas para avançar na compreensão do Evangelho.

A reverenda Margarida Ribeiro, pastora metodista, quando aprofundou a reflexão bíblica sobre *As mulheres e os ministérios*, fez uma síntese da caminhada da experiência das mulheres na história cristã. Partindo dos fundamentos bíblicos, da participação das mulheres na tradição eclesial, sobretudo nas experiências pós-reforma, ilustrou com vários fatos históricos a

atuação de mulheres que marcaram a vida das comunidades e deixaram ensinamentos fundamentais para nossas reflexões atuais. Mostrou que a mulher, em harmonia com os homens, podem trazer um grande enriquecimento à vida eclesial e contribuir para que a igreja seja sempre mais presença do Reino de Deus no mundo e fermento na história.

Pe. Júlio Lancelotti, que tem uma grande experiência com as realidades sociais mais gritantes da região urbana paulista, com humor e veia profética, mostrou a importância de compreender o universo onde se inserem os moradores de rua — crianças, homens e mulheres e jovens — para uma atuação eclesial. Procurou estimular os futuros sacerdotes e agentes de pastoral, leigos e leigas, para a necessidade de partilhar as realidades urbanas, para que a pastoral possa ser uma resposta mística e transformadora destes grupos sociais, massacrados pelo sistema globalizante e neo-liberal, que mais que palavras, são conseqüências sociais dramáticas.

Para concluir as conferências, Pe. Oscar Beozzo, apontou perspectivas para abrir-se aos tempo modernos, sob a inspiração fundamental no Vaticano II e nas trilhas abertas por Medellín e Puebla. Destacou a necessidade de inserção social, de diálogo cultural e de interação religiosa das lutas por uma sociedade mais justa, para vivenciar os princípios evangélicos da humanização das relações internacionais e da economia mais humana.

As conferências expressaram a importância de cultivar a tradição e a ação eclesial, a partir dos novos desafios da realidade cósmica e humana, buscando, pela força do Espírito, novas formas de ser comunidade de fé e de atualizar com autenticidade e fidelidade a mensagem evangélica. Harmonizar, com coragem e delicadeza, a dialética e a tensão constante da relação carisma e instituição.

## AS CELEBRAÇÕES E OS SEUS SÍMBOLOS

O rosto do Congresso se manifestava, a cada etapa de sua realização, em suas ações celebrativas. Desde o primeiro momento, quando a grande assembléia se reuniu, foram fundamentadas as linhas mestras da reflexão, a partir dos textos bíblicos e dos documentos eclesiais, que clamam por novas formas de ser igreja e responder com sabedoria aos desafios novos da realidade, vencendo fronteiras e buscando novas formas de acolher o vinho sempre novo da mensagem cristã.

A apresentação de grandes vasos de barro, insistindo em não se romperem, manifestou a grande resistência de nossas

instituições em aceitar transformações e continuar suas formas cristalizadas, com medo de inovar e perder seus poderes e sua segurança tradicionais.

As danças, simples e significativas, expressaram a presença da vida que está sempre florescendo no coração das comunidades. Marcada por cores divergentes, representaram as comunidades e as raças que procuram sempre mais se integrar e interagir na formação do povo de Deus, construtores do Reino.

Sempre buscando uma convergência profunda com os temas a serem aprofundados, as celebrações trouxeram o *fogo vivo* — que em chamas se manteve — para representar o espírito que perpassa a história.

Um grande momento ecumênico foi a participação da Reverenda Margarida Ribeiro, que, fazendo a memória da última ceia, partilhou o pão e o vinho, com todos participantes, destacando a importância da presença feminina nas ações ministeriais da Igreja, ao mesmo tempo que elevou a validade dos gestos ecumênicos, como forma de unidade a partir da mensagem cristã, na construção de um mundo melhor.

Dentre pequenos momentos celebrativos, com destaque à Palavra e os Salmos, a celebração do compromisso, no final do Congresso, deixou o compromisso de renovarmos os odres, para acolher, sem romper, o vinho da vida e da solidariedade de Jesus Cristo.

A simbólica litúrgica desvelou o mistério celebrado, através da partilha do pão e do vinho, da presença constante do fogo vivo, da interação entre leigos, leigas e ministros e sobretudo, pela presença silenciosa e operante do Espírito de Deus. Os grandes odres, os panos coloridos, o vinho da alegria ficarão na memória dos celebradores da fé cristã.

## AS OFICINAS: EXPERIÊNCIAS ECLESIAIS DE FRONTEIRA

Uma grande proposta do Congresso esteve ligada às manifestações eclesiais de fronteira, presentes em nossa realidade eclesial. Os futuros sacerdotes e agentes de pastoral deveriam reconhecer experiências ricas e legítimas de grupos que procuram responder de forma criativa aos novos desafios da história. Procuramos compreender que são muitas as possibilidades de viver e celebrar a mensagem cristã, para além de nossas formas tradicionais, dentro das paróquias e dioceses.

A presença dos grupos merecem um realce especial:

1. Experiência mística com tóxico-dependentes: a vivência da fé cristã, mostrando que sua proposta e seu ideal mostra-se capaz de criar comunidades de valorização da

vida e superação dos vícios que dominam os jovens e adultos e detonam a vida;

2. A prática eclesial cultural e religiosa com afro-descendentes foi o testemunho de uma pastoral que procura vivenciar os valores culturais e religiosos de um povo que procura viver a sua fé, recuperar sua auto-estima e profeticamente despertar sua vocação para a liberdade e a justiça;
3. Os povos indígenas também são objeto de preocupação de agentes de pastoral, que através de um estudo e uma apresentação de seus valores e suas crenças, gritam por uma terra-sem-males, onde a partilha entre os seres humanos e a harmonia com a natureza representam a maior mensagem divina;
4. A busca de ser Igreja entre os grupos excluídos urbanos manifestaram, por meio de uma prática pastoral renovadora que os nossos irmãos ciganos e ciganas, bem como os encarcerados merecem ser respeitados em sua dignidade e não tratado como bandidos e perturbadores da ordem mas, ao contrário, como vítimas do sistema de opressão e de monoculturalização da nossa sociedade;
5. Os grupos de pastoral que atuam nas cidades, entre os moradores de rua — crianças, mendigos, jovens, idosos — e os sem-teto, particularmente do grupo MSTs, protestam contra os sistemas social e econômico que não permitem uma participação integrada de uma grande parte da população, que vive às margens de nossas práticas pastorais tradicionais;
6. Os agentes de Pastoral que trabalham com os Migrantes, que deixaram suas cidades e suas tradições, mostraram que por meio da recuperação da religiosidade popular destas gentes, como benditos, procissões, cordéis e tantas dinâmicas, é possível reconstruir sua identidade original, promotora de orgulho e valorização de suas tradições e seu modo de ser. Igualmente, por meio da recuperação das devoções santorais e, sobretudo, mariana, os agentes de pastoral mostraram as culturas hispano-americanas que vivem como comunidades de fé, vivendo sua religiosidade peculiar e procurando uma integração social sem a perda de sua identidade.

As oficinas pastorais vivenciaram com os estudantes, professoras(es) de ciências da religião e teologia, novas possibilidades diferenciadas de viver/celebrar a mensagem de Jesus Cristo e ser Igreja em situações específicas destes grupos humanos.

Compreendemos que a prática eclesial que se realiza em comunidades ou grupos, vivendo os valores do Evangelho, busca de forma privilegiada a libertação de seus membros e celebra com ritos e símbolos sua cultura, sua realidade e sua identidade. A metodologia foi: exposição da *identidade do grupo-igreja*, dando suas motivações e caminhada. A seguir, a realização de uma pequena *celebração* para vivenciar a prática. As discussões motivaram para nova forma de ser igreja, elaborar teologia e viver a fé cristã num mundo pluri-cultural.

As oficinas seguiram o seguinte critério: (1) Preparação do ambiente/sala com música ambiente, ícones, cartazes; (2) Exposição de fotos, objetos significativos, músicas; (3) Realização de uma celebração com os participantes

Este foi um dos acontecimentos mais profundos e mais criativos do II Congresso de Teologia. Tivemos a forte impressão que são muitos os novos odres, que acolhem, em nossa realidade eclesial, o vinho sempre novo do Evangelho.

### AS COMUNICAÇÕES: ALUNOS TORNAM-SE MESTRES

Este II Congresso de Teologia deveria ser mais ainda a ação dos estudantes de teologia e ciências da religião. Deste modo, alunos e alunas foram convidados para apresentarem suas pesquisas e estudos na área de teologia, em perspectivas de uma forma inovadora de ser igreja.

Destacamos algumas comunicações, que marcaram o evento e deixaram uma mensagem de renovação da caminhada da teologia e da igreja em nosso Brasil.

Floripes de Oliveira Reis apresentou um estudo sobre a *Misericórdia de Deus no profeta Oséias*, pelo qual mostrou que a vivência da libertação é mormente carregada de afetividade de um Deus misericordioso e apaixonado pelo povo (*hesed* — amor misericordioso e *rehem* — ternura e compaixão).

André Eduardo G. Lourenço falando sobre o *Reino de Deus*, nos levou a compreender que é impossível compreender o Reino de Deus separado da história. Este revela-se pelo anúncio de Jesus, seu convite à conversão, a eleição de seus destinatários, os sinais do Reino na história e o caminho a ser percorrido pelos seus convidados.

Jean Sella, Maria da Piedade e Valfran experimentaram com os estudantes a possibilidade de *Inculturação do Ano Litúrgico na América Latina*, destacando a necessidade de harmonizar e inserir a mensagem pascal cristã nas realidade geográfica, histórica e cultural dos povos afro-ameríndios, cablocos, sulistas,

caipiras e nordestinos. Com o símbolo da melancia, como expressão da vida abundante, pudemos compreender que a mensagem evangélica se evidencia numa simbólica peculiar de cada povo.

Oscar G. Garcia refletiu, numa comunicação dinâmica, *a realidade dos povos de Chiapas*, no México, mostrando a urgência deste refazer os odres das políticas mexicanas e internacionais, para que milhares de povos indígenas não sejam massacrados e desfigurados nas sociedades hodiernas.

Alexandre José Marques relatou a *experiência de uma Igreja transformadora*, a partir da religiosidade do povo simples e humilde, de nossas comunidades. O ponto referencial foi uma leitura das bênçãos e maldições no livro do Deuteronomio. Demonstrou assim a presença protetora de um Deus cioso de seu povo e exigente com sua prática solidária.

Oscar R. L. Maldonado discorreu sobre a *importância das palavras*, como forças sustentadoras da comunidade. O autor da monografia destacou a resistência da palavra, a partir da religião do povo indígena guarani, que por sua fidelidade à palavra, feita poesia e profetismo, garantem a unidade do povo e sua luta por mais direito e dignidade.

Rogério Ramos, na pesquisa sobre a bioética, arrisca algumas propostas de enfrentamento das *novas descobertas científicas*, encarando com segurança a inquietude do ser humano contemporâneo, frente aos desafios das questões da ação humana sobre a harmonia da criação divina.

Numa pesquisa científica, estudiosos da PUC-São Paulo, apresentam dados estatísticos da vivência religiosa na universidade. Foi surpreendente constatar que a religiosidade está muito presente, bem como a busca do divino, como elemento complementar da própria integridade humana. Foi desconcertante reconhecer, porém, que esta experiência religiosa não passa, necessariamente, pela integração em grupos religiosos institucionais.

Entre outras pesquisas, destacamos ainda um estudo de Maria do Carmo Baccioli, demonstrando a *teologia das canções* mais presentes nos cultos religiosos da Renovação Carismática Católica. Destacou a repetição como recurso pedagógico, a relação íntima com Deus e *uma certa ideologia entre a alienação e o não compromisso social*.

Todas as comunicações representaram, no II Congresso de Teologia, o protagonismo dos estudantes de teologia e ciências da religião, futuros teólogos que poderão tornar atual e sempre nova a boa nova de Jesus Cristo, alimento de transformação entre todos os povos, para todos os tempos.

O II Congresso de Teologia foi um grande acontecimento, um modelo para ser divulgado em todas as cidades onde grupos distintos aprofundam a ciência teológica e da religião. Trata-se da busca de unidade, da partilha das reflexões e do fortalecimento das instituições eclesiais que buscam, profeticamente, instaurar o Reino de Deus no seio da humanidade. A coragem de alargar fronteiras e descobrir caminhos novos e linguagem atualizada para encarnar a presença perene do *Logos* divino na sua criação.

Quando a assembléia do II Congresso cantava *Ó Maria, serve o vinho, um copo novo para todos nós, um pão para todas as fomes, um só canto em toda voz*, pudemos sentir vivamente que, unindo nossas forças, poderemos exorcizar cada vez mais as forças incrédulas da corrupção, da violência e da injustiça social. Afinal, como diz o mesmo canto: *tantos trigos num só pão, tantas uvas para o vinho, todos num só coração, tanta fé, tanto carinho*, torna-se um projeto de partilha dos bens, da teologia, da mesa, da fé e da solidariedade entre os povos.

Realizar um congresso bienalmente pode ser uma proposta inusitada, para que os vários institutos de teologia, tão vizinhos e ao mesmo tempo tão distante, descubram uma linguagem comum e uma articulação de viver a unidade na diversidade, pois professamos nossa fé num Deus Uno, no projeto do Reino para toda a humanidade, e Trino, na diversidade dos povos e dos carismas.